

# INTERFACE

---

## ERROS, CULPA E ARREPENDIMENTO

*Claudia Maria Moura Pierre(1)*

Ao longo da trajetória nesta existência, as pessoas fazem escolhas que causam sofrimento e, algumas vezes, ocorre o arrependimento. A um olhar atento, todo o processo torna-se claro. Há um estado de sofrimento psíquico. Isto é uma manifestação de que foi feito algo contra os princípios adotados. Significa que há uma saída do próprio centro, um exercício de não integridade. Quando isto ocorre, pensamentos repetitivos assomam à mente, na tentativa de, assim, se recuperar o equilíbrio perdido. As mesmas situações são repetidas na mente mas, desta vez, lançando mão de uma simulação psíquica, na qual as ações e reações se realizam de outra forma; procura-se resolver o problema em nível do pensamento, já que não se pode voltar no tempo e realizar a situação da forma que se considera, posteriormente, adequada. Mergulhadas neste jogo mental, perde-se o presente, pelo fato de se estar continuamente voltando ao passado e vivendo, no imaginário, a situação que teria sido ideal. Mas, como não há a ocorrência factual, o pensamento fica se processando obsessivamente. Há perda da paz.

Dado que o passado não existe mais, e é apenas um recurso psíquico geralmente utilizado para alimentar mágoas e ressentimentos, as pessoas passam a tornar-se *zumbis*, perdendo o que os sábios afirmam que é o *viver no presente*. Da mesma forma que a dor física é um indicativo de que algo não está bem, situações que provocam sofrimento são avisos para escolher de novo, corretamente, de acordo com o ser mais íntimo. É provável que outras situações surgirão como uma oportunidade em que isto possa ocorrer.

Um fator determinante na causação da dor psíquica é que ela é o resultado de uma cisão. Cisão entre optar por algo em consonância com o que se acredita verdadeiro e optar de acordo com circunstâncias que atendem superficialmente ao racional, e profundamente, ao desejo de obter aprovação dos outros. Tudo isto descortina o estado de não inteireza em que se vive. Há a necessidade de uma situação exterior para angariar segurança, prestígio, senso de valor ao indivíduo. Num estado de completude, nada disso faz sentido.

Então, quando se age com a mente cindida, há manifestação de dor psíquica. Se não há atuação, a partir da inteireza do ser, vive-se um tormento. Satanás, que habita no inferno significa *adversário*. O adversário é o próprio ser dividido. Quando isso ocorre, vive-se numa situação infernal. Encarna-se a condição de divisão, de mente dividida. Esta é a presença do adversário na vida de alguém. Estar no inferno não significa ocupar um lugar no espaço, mas viver uma condição, um estado de ser distante da dimensão divina.

Ao se vivenciar tal condição, adocece-se, necessariamente. Estar saudável é estar bem. Quando a divisão se apodera da mente manifestando-se no comportamento, surge um mal-estar. É interessante perceber que em uma tradução inglesa da Bíblia, quando se mencionam as curas feitas por Jesus, registra-se que ele *made them whole* – (*tornou-os saudáveis*). *Whole* significa integral, inteiro. E na citação bíblica usa-se a mesma palavra para denotar saúde, estado saudável. Retornar ao estado de saúde e estar inteiro tem o mesmo significado. Interessante também que ‘enfermidade’, em inglês, é *disease*. *Easy* quer dizer ‘fácil’, ‘estar bem’; *disease* é doença. Um silogismo se apresenta: quando a mente está dividida, não há paz e surge o adoecer. Divisão mental - que é falta de paz - traz consigo, conseqüentemente, a enfermidade. Enfermidade está relacionada com a falta de paz.

Ao sentir a dor de ter escolhido errado sucede-se a sensação de culpa – é esse sentimento que provoca o sofrimento. A culpa é o sentimento mais destrutivo que assoma o ser humano. Se lançada na própria pessoa, esta se destrói, nutrindo uma sensação de ter cometido erros de ordem moral, causando prejuízos a si ou aos outros. E, neste raciocínio, ser culpado significa merecer castigo. Por causa disso, inflige-se uma auto-punição, através da enfermidade ou de atitudes que prejudicam a si mesmo. A culpa, ao ser lançada no outro, da mesma maneira, é uma forma de ataque e, se for possível, lança-se mão de toda estratégia para derrotar o culpado, pois até a destruição é justificada como merecida, dado que o outro tem culpa.

Há várias estratégias que são utilizadas para a libertação do sofrimento, mas parece que somente uma fórmula é eficaz: ter a capacidade de perdoar a si mesmo. E a capacidade de perdoar a si é a mesma de perdoar o outro. Apenas há uma mudança de foco. Se não houver condescendência consigo, também não haverá com os outros. A atitude de não perdoar expressa um estado de não-amorosidade, pois no amor não se condena, mas se compadece.

O perdão torna-se mais fácil de acontecer, ao haver a consciência de que a ação, no momento em que ocorre, ocorre da única maneira que *era* possível. Somente a *posteriori* é que há um *insight* de que o agir deveria ter sido diferente. No momento em que se atua, essa

atuação se realiza com os recursos de que se dispõe, naquele instante em que se vivencia a situação. É como numa colisão, por exemplo, mesmo que alguém se machuque num acidente de carro, no momento em que dirige, age-se com os recursos daquele momento presente. Somente depois se percebe que houve um erro de visão, de noção de velocidade ou espaço. Como afirma Maturana, uma pessoa não se equivoca quando se equivoca.

Tornar-se ciente disso dá condições para que se tenha paciência com os próprios erros e, se há essa qualidade em relação à própria pessoa, também há a condescendência com os erros dos outros. O ato de errar e sofrer as conseqüências deste ato lega às pessoas uma sensibilidade maior quanto aos erros dos outros. Pois, se alguém age de determinada maneira em certo momento e, em seguida, muda a reflexão sobre sua ação, ele pode considerar que o mesmo pode se passar com os demais. Em suma, cometer erros torna as pessoas mais compreensivas com as ações de outrem.

Necessário se faz perceber que os erros são trombadas necessárias rumo ao caminho certo, desde que se arrependa. ‘Arreponder-se’ significa tomar consciência do equívoco e evitar a reincidência. Entretanto, a idéia usual de arrependimento é uma idéia negativa. Isto é assim interpretado porque a humanidade está tão absorta no sentimento de culpa que a palavra arrependimento tem a conotação de contrição e aceitação de castigo. Ao dar-se conta de que se agiu errado, há punição, condenação e enfermidade. Ao perceber que se cometeu um pecado, surge a dificuldade em perdoar as próprias faltas e fraquezas.

Arreponder-se é uma disposição para, oportunamente, escolher de modo a não violentar o próprio ser sagrado. Quando há exortação ao arrependimento, não se trata de um convite para mergulhar na dor e sofrer a culpa intensamente. Pelo contrário, trata-se de um chamamento para escolher de novo, suplantar o sentimento de culpa, tornar a vida *easy*, fácil. Como? Sendo inteiro, não saindo do próprio centro, não abdicando daquilo que faz parte do ser interior. A palavra pecado quer dizer errar o alvo; cometer pecado significa estar longe do centro. Daí a expressão utilizada pelos místicos: retorno ao centro quando se quer expressar o viver, a partir do mais íntimo de si mesmo.

Agir com totalidade - não dividido - provê ao indivíduo a condição de viver o presente, porque assim não permanecerá atrelado ao passado, perdido em pensamentos recorrentes e doentios que acusam as escolhas erradas.

(1) **Cláudia Maria Moura Pierre** é Mestre em Sociologia, Professora Adjunta da Universidade Regional do Cariri – URCA, e Coordenadora do Núcleo de Estudos em Ciência, Espiritualidade e Filosofia – NECEF.